

Bratislava surge  
mais reflexivo em  
novo álbum

PÁGINA 4



Abderrahmane  
Sissako, voz contra  
o preconceito

PÁGINA 5



Série 'Xógum' leva  
a melhor do Emmy,  
o Oscar da TV

PÁGINA 6



## 2º CADERNO

Por Lucas Brêda  
(Folhapress)

Quando tocou no palco Mundo do Rock in Rio há 11 anos, o Avenged Sevenfold ouviu vaias. A banda não agradava aos fãs mais puristas de Iron Maiden e Slayer, outras atrações do espaço no mesmo dia. Na madrugada desta segunda (16), a banda americana voltou ao espaço, desta vez como headliner. Tocou no dia do rock desta edição de 40 anos do festival, que teve também Paralamas, Planet Hemp, Evanescence e Deep Purple, e encontrou outro cenário.

A turma do gargalo, mais perto do palco, estava mais animada do que em qualquer show deste domingo. Menos conhecido que aquelas vacas sagradas de 2013, o show do Avenged Sevenfold marcou uma renovação na música pesada vista pelas lentes do Rock in Rio. Foi a chegada ao topo de um heavy metal heterodoxo deste século, menos refém dos maneirismos clássicos do gênero.

O som do Avenged é uma mistura millennial de quase tudo de rock mais pesado que passou pela MTV nos anos 1990 e 2000. Soa heavy metal, mas dialoga com o emo e hardcore, tem trejeitos de rock clássico, é melódico e cheio de refrões do pop rock, às vezes tudo isso numa única canção.

A banda, formada em 1999, e sucesso no fim dos anos 2000, sabe que carrega essa tocha.

M. Shadows lamentou não ter visto o show do trapper Travis Scott dois dias antes no Rock in Rio. "Meus filhos são muito fãs, eles estão aqui hoje e disseram, 'pai, você sabe que seu show não vai ser



Vaiada há 11 anos, a Avenged Sevenfold volta como headliner e entrega um show competente. Suas canções sinalizam outros caminhos para o heavy metal

# A VOLTA POR CIMA

Avenged Sevenfold, no Rock in Rio, leva heavy metal millennial ao topo do festival

tão bom quanto o do Travis Scott", ele disse. "Temos que mostrar a essa molecada que o rock ainda arrebenta, vamos fazer as rodas e tudo mais."

Nem precisava ter dito - os fãs já estavam fazendo as rodas de ba-

te-cabeça desde o primeiro acorde, pulando e cantando os solos de guitarra.

O Avenged divulga o álbum "Life is But a Dream", do ano passado, mas tocou músicas de todas as

fases. Puxou a balada "Gunslinger", que não vinha tocando. O coro no refrão ecoou pelo palco Mundo. Também fugiram do roteiro da turnê para tocar "So Far Away", talvez a música mais carregada de emoção

da banda. Dedicada a todos que perderam alguém na plateia, ela é um tributo a The Rev, baterista e um dos ícones do grupo que morreu aos 28 anos de overdose.

O show teve momentos arrastados. As mais recentes, entre elas "Game Over", "Mattel" e "Nobody", em especial, não empolgaram a maioria do público. Mas a plateia se mostrou conhecedora dos sucessos da banda. Cantou junto na teatral "Little Peace of Heaven" e nas pesadas "Nightmare" e "Unholy Confessions", quando multiplicou as rodas ao ponto de ter gente pulando em círculos até para solo de bateria.

O Avenged Sevenfold saiu do palco após pouco mais de 1h30 de show, deixando a impressão de que o gênero que batiza o festival pode encontrar caminhos em palco e horário nobres sem soar mofado.

## CRÍTICA / SHOW / EVANESCENCE

Eduardo Anizelli/Folhapress

# Amy Lee segura o show no gogó

Por Guilherme Luis (Folhapress)

Uma falha técnica na introdução do show da banda Evanescence no Rock in Rio atrasou a entrada dos artistas em cerca de dez minutos. Parte do público vaiou quando parecia que não haveria solução rápida.

Mas o clima de impaciência na plateia desapareceu assim que Amy Lee surgiu, com uma bandeirinha do Brasil desenhada debaixo do olho direito, cantando “Broken Pieces Shine”. Vestida toda de preto, como represen-



**Vocalista e líder do Evanescence, Amy Lee foi a dona da melhor performance vocal do primeiro fim de semana no Rock in Rio. E o público fiel da banda não a deixou cantar sozinha**

tante de toda uma geração de emos, Lee segurou o show todo no gogó, com um alcance vocal impressionante.

O Evanescence foi escalado também para o Rock in Rio Lisboa, em junho. Lá encon-

trou uma plateia de europeus apáticos e desanimados, diferente do público daqui, tradicionalmente mais empolgado em shows.

O grupo sofre, porém, com o fato de ter emplacado poucos sucessos nos quase 30 anos

de carreira. Os fãs, e não eram poucos, como indicavam as muitas camisetas estampadas com o nome da banda zanzando pelo festival, sabiam as letras de cor, é claro.

Mas para o público em geral, nas fileiras do fundo, o show só ficou empolgante de verdade no final, com “Call Me When You’re Sober”, “My Immortal” e “Bring Me to Life”, um dos hinos mais dramáticos do rock dos anos 2000. Antes, havia dezenas de pessoas sentadas ou mexendo no celular. Levantem, seus gringos, gritou um homem a certa altura.

“O Brasil foi parte importante da nossa história. Obrigado por compartilharem suas dores conosco, por estarem sempre juntos de nós”, disse Lee, quando o show se aproximava do fim. Na turnê atual, ela lembrou, o grupo celebra 20 anos do disco “Fallen”, responsável por fazê-los se destacarem no rock alternativo.

“Bring Me To Life”, o maior sucesso da banda, coroou o que foi um dos shows de melhor técnica vocal até agora. Lee puxou um grito contínuo no final que foi aplaudido com entusiasmo. A sintonia entre ela e a banda coloca o Evanescence entre as boas bandas criadas décadas atrás que, por pouco, não ficaram esquecidas. Ainda bem.

## CRÍTICA / SHOWS / DEEP PURPLE E JOURNEY

Reprodução

# O melhor e o pior em noite de veteranos

Por Laura Lewer (Folhapress)

Não dava para botar muita fé no show que Journey faria no palco principal do Rock in Rio no começo da noite deste domingo (15). Perdido entre atrações energéticas, como o Planet Hemp, e celebradas, como o Evanescence, o grupo conhecido por uma música muito grande, “Don’t Stop Believin’”, ficou por isso mesmo - um one (no máximo two) hit wonder que deixou o palco Mundo com a energia bem baixa a maior parte do tempo.

A banda de San Francisco (EUA), que comemora cinco década, até que tentou, com uma camiseta do Brasil e uma bandeira do Cruzeiro no palco, e o público até que bateu palmas e deu uns gritinhos. Mas nem os



**O vocalista Ian Gillan, do Deep Purple, sofreu com o microfone no início do show que superou em muito a apresentação de seus contemporâneos veteranos do Journey no Palco Mundo**

longos solos de guitarra do único membro original remanescente, Neal Schon, foram suficientes para criar um clima de palco Mundo.

Existem alguns motivos possíveis para isso. Talvez seja porque o Journey já tenha perdido quase todos os integrantes originais,

virando uma espécie de cover de si próprio, ou por ser conhecido por brigas entre integrantes por causa de dinheiro e política. O som irregular, exceção no palco Mundo nesta edição, certamente não ajudou, e o festival parece ter superestimado a atração.

Mais tarde, o Deep Purple provocou em um palco menor, o Sunset, o efeito exatamente contrário. Antes mesmo do show começar, o público, devidamente aquecido pelos hits apoteóticos do Evanescence, celebrava a banda como se eles nem fossem os habitués que

são do Brasil.

Uma das pioneiras do hard rock, a banda começou a apresentação com “Highway Star” com o microfone de Ian Gillan demorando a engatar, mas a partir de “Bit on the Side” já deu tudo certo, e o grupo de 1968 encarou um público atento.

Foram muitos solos de bateria e guitarra, - incluindo os do excelente blues “Lazy”, com longo momento dedicado à gaita de Gillan que fez a plateia vibrar. A banda também criou trechos engraçadinhos, como quando o tecladista Don Airey tirou onda no instrumento e o deixou tocando sozinho enquanto um garçom lhe servia vinho.

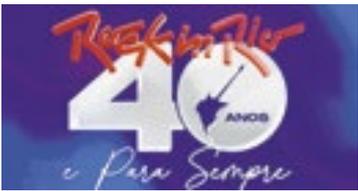
A tríade final foi montada em cima dos hits “Smoke on the Water”, “Hush” e “Black Night”, todas lançadas entre 1968 e 1972, num momento que o público se dividia entre curtir os sucessos e andar em direção ao show principal da noite, do Avenged Sevenfold.

Para a parte do público do Rock in Rio que ainda cultivava a nostalgia de que o festival não tem mais rock o dia dedicado ao gênero com os exemplos dados por Journey e Deep Purple foi uma lição: mais do que o tipo de música, o que importa num festival é entregar um bom show.

CRÍTICA / SHOW / PARALAMAS DO SUCESSO

# Sucessos que atravessam gerações

Eduardo Anizelli/Folhapress



Por Laura Lewer (Folhapress)

**U**ma multidão vestindo preto seguia em direção ao palco Mundo, o maior do Rock in Rio, enquanto Os Paralamas do Sucesso tocavam “Vital e Sua Moto”, que abriu o show da banda às 16h deste domingo (15), conhecido como o dia do rock do festival.

“É uma alegria sobre-humana estar de volta depois daquele dia tão definidor de 40 anos atrás”, disse o vocalista e guitarrista Herbert Vianna, lembrando da apresentação que o grupo fez na primeira edição do evento, em 1985 - que rendeu a eles um álbum ao vivo e projetou a banda no Brasil e no mundo.

“Algum de vocês tava lá?”, ele perguntou, recebendo várias mãos para o alto como resposta. “Ah, claro. Vocês são netos dos que estavam, né?”, ele brincou.

Formado por Viana, Bi Ribeiro e João



**Herbert brincou várias vezes com o público sobre eles serem netos de quem viu os Paralamas na primeira edição do Rock in Rio, mas o fato é que o domingo roqueiro levou também gente mais velha ao festival**

Barone, além dos músicos que os acompanham, o trio aproveitou a uma hora de show para tocar um hit atrás do outro, quase sem respiro entre eles.

Como Lulu Santos, que também fez show animado no mesmo palco e horário neste sábado, 15, os Paralamas tem uma car-

reira que começou com poucos anos de diferença do lançamento do festival e repertório incrustado na cabeça dos brasileiros.

O vocalista, inclusive, dedicou a Lulu, a quem chamou de “melhor guitarrista que nasceu nessa parte do planeta”, a música “Ca-leidoscópio”. Disse que seu contemporâneo,

ao lado de nomes como Jimmy Page e Jeff Beck, estão entre suas grandes influências.

Músicas como “Lanterna dos Afogados”, “Lourinha Bombril”, “Óculos”, “Aonde Quer Que eu Vá” e “A Novidade” - composta com Gilberto Gil quando a maioria do público “nem era nascido”, segundo Viana - fizeram a plateia dançar e cantar o tempo inteiro.

Embora cheio de caras jovens, como o vocalista observou, a plateia do Rock in Rio neste domingo tem idade visivelmente superior em comparação aos dos outros dois dias deste primeiro fim de semana do Rock in Rio.

É que ainda passariam pelo Parque Olímpico nomes como Journey, o Deep Purple e que viveram seu auge há décadas, e atraem os fãs de bandas mais clássicas.

Embora tenha 40 anos de trajetória e hits concentrados nas décadas de 1980 e 1990, o rock suingado e misturado ao pop e ao reggae e seus subgêneros feito pelos Paralamas está longe de ter parado no tempo.

Seu repertório e performance são uma carta na manga de produtores para garantir um espetáculo eficiente que agrade e anime o público, e fizeram a banda reverberar em uma audiência mais jovem.

Não à toa, os Paralamas têm sido presença recorrente em muitos festivais voltados para um público mais jovem, como o Lollapalooza e o Coala, em São Paulo. Também não à toa, a música que fechou a apresentação, “Meu Erro”, fez pessoas de todas as idades cantarem cada palavra da música e enquanto seguiam para o próximo show.

CRÍTICA / SHOW / PLANET HEMP CONVIDA PITY

Divulgação Rock in Rio



**Pitty foi a convidada do Hemp, mas as vozes de Marcelo D2 e Bnegão mal deixaram ela cantar seu maior sucesso, ‘Admirável Chip Novo’, numa versão confusa**

## Planet Hemp levanta a fumaça

Por Guilherme Luis (Folhapress)

É permitido fumar a bordo, anunciou uma voz dessas robóticas, como se fosse uma gravação de avião, no início do show da banda Planet Hemp no Rock in Rio neste domingo (15). E, da plateia, a fumaça subiu.

O grupo, que tem Marcelo D2 e BNegão nos microfones, começou a apresentação no fim da tarde do dia, o mais roqueiro do festi-

val. Cantaram logo “Distopia”, carregada do senso libertário que sempre permeou seu repertório. “Desobedeça, obedeça, desobedeça”, o público tentava cantar, sobre o barulho ensurdecedor dos instrumentos pesados da banda.

“Maconha não mata a gente”, disse BNegão, antes de cantar “Jardineiro”, que versa sobre o plantio da erva. Depois, convocou uma roda no público, com dezenas de pessoas girando uma atrás da outra.

Com “Legalize Já”, fizeram os fãs gritarem pela legalização da maconha. “Uma erva natural não pode nos matar”, eles diziam, antes de atirar um baseado enorme, inflável, que ficou flutuando sobre as cabeças da plateia.

Criado em 1993, o Planet Hemp tem um dos discursos mais políticos da música brasileira. Nas letras, eles discutem mazelas, criticam o preconceito que cerca os maco-

nheiros e enfrentam figuras que consideram problemas para a sociedade neste show, por exemplo, gritaram contra fascistas.

“Os caras dizem que são patriotas, né?”, disse BNegão a certa altura, de novo falando de política, antes da apresentação de “A Culpa é de Quem?”, faixa que denuncia um sem fim de injustiças sociais.

No terço final da apresentação, a roqueira baiana Pitty entrou no palco. Juntos eles cantaram uma versão um tanto mal remixada de “Admirável Chip Novo”, hino da roqueira que os amigos regravaram numa parceria recente. O problema é que BNegão e Marcelo D2 mal deixaram ela cantar, e o resultado ficou esquisito.

Isso melhorou com “Teto de Vidro”, em que Pitty teve liberdade para dominar o palco. Sua presença enervou um show que já está entre um dos mais intensos dessa edição do festival. A fumaça exalou até o final.

# Relatos de aceitação e maturidade

Bratislava faz de seu quinto álbum o registro de uma fase mais reflexiva

**H**á momentos na vida em que o acaso se impõe e mudanças são inevitáveis. Pensando nessas transições e mutações, a Bratislava faz de seu quinto disco um relato de aceitação e maturidade após chegarem ao quinto trabalho de estúdio. Homônimo, o lançamento é uma coleção sincera de histórias que chegam ao fim, relacionamentos que precisam ser repensados e outras finitides.

O disco traz desde intensa presença emocional e existencial e mo-

mentos de paralisia diante de crises até a luta por deixar um legado. Se canções como “Nossa Voz” e “Casa em Chamas” capturam a urgência e o desespero de se enfrentar um desastre iminente, “Deixa a Criança Dançar” e “Te Deixar Pra Trás” fazem uma busca por autenticidade e alívio dos fardos.

Desejo e apatia, vida e morte, paixão e finais. O disco cria paralelos entre dilemas e apresenta uma banda colocando a arte como uma ponte que interliga tudo. Se reinventando em lutos, lutas, poesia e



O Bratislava chega a seu quinto álbum sugerindo reflexões sobre o fim de ciclos

dureza, a banda encara o momento como um fechamento de ciclo e espaço para um marco de recomeço: por isso o disco homônimo, como uma bandeira quadriculada que tanto dá a largada quanto sinaliza a chegada.

Fundada há quase 15 anos pelos irmãos baianos Victor Meira e Alexandre Meira, a banda lançou

4 discos, fez turnês pelo Brasil e tocou em grandes festivais como Lollapalooza, COMA, Bananada, Conexão e Festival DoSol. Agora colocam um álbum que une todos os pontos dessa história, criando não só uma discografia coesa, mas a ideia de uma obra central única.

“Estamos trazendo vibes de toda a carreira da banda para esse disco.

Canções mais carinhosas, outras mais brabas. Letras mais acessíveis e fáceis de se compreender, assim como letras mais enigmáticas e imagéticas também. Enfim, reúne tudo o que a Bratislava já foi e que pode ser. O disco que finalmente leva o nome da banda é o disco com o qual a banda tá confortável em dizer: isso aqui é a gente”, conta Victor Meira.

## UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

### A criança interior

Demi Lovato acaba de lançar o single, “You’ll Be OK, Kid”. A canção foi escrita para o documentário “Child Star”, que marca a estreia da cantora como diretora e será lançado nesta segunda-feira (17). “Trabalhar em ‘Child Star’ foi uma experiência profundamente reflexiva para mim. Isso me permitiu mergulhar nas emoções da minha infância. Escrevi a música como uma carta para a minha criança interior, e espero que ela também possa dar aos outros a oportunidade de se conectar com suas crianças interiores”, explica.

Divulgação

Divulgação



### Na tecnologia

Após anunciar o novo álbum, “Hurry Up Tomorrow”, The Weeknd surpreendeu os fãs com um novo single, “Dancing in the Flames”, lançado com um videoclipe inteiramente gravado no iPhone 16 Pro. No último dia 7, o astro canadense se apresentou em São Paulo para uma multidão de mais de 70 mil pessoas no Estádio do Morumbi. Dirigido por Anton Tammi e com direção de fotografia de Erik Henriksson, a arte da capa do single, o videoclipe e a fotografia promocional, assinados por Eddy Chen, foram filmados no telefone, incluindo imagens raras dos bastidores dos shows da artista.

Divulgação



### Carinho pro Brasil

The Offspring tem fãs por o mundo, mas nutre um carinho especial pelo Brasil. A banda lançou uma música para celebrar essa afinidade, “Come To Brazil”. A faixa cita os seguidos pedidos dos fãs brasileiros para que a banda volte a se apresentar por aqui. “Toda vez que anunciamos algum show, recebemos comentários de nossos fãs brasileiros dizendo ‘venham para o Brasil!’, o que adoramos! O Brasil realmente se destaca. Tem entusiasmo, paixão e é um lugar incrível para tocar! Espero que os fãs brasileiros façam dessa música a sua própria!”, disse o vocalista Dexter Holland.



ENTREVISTA / ABDERRAHMANE SISSAKO, CINEASTA

# 'A injustiça é a maior seqüela do colonialismo'

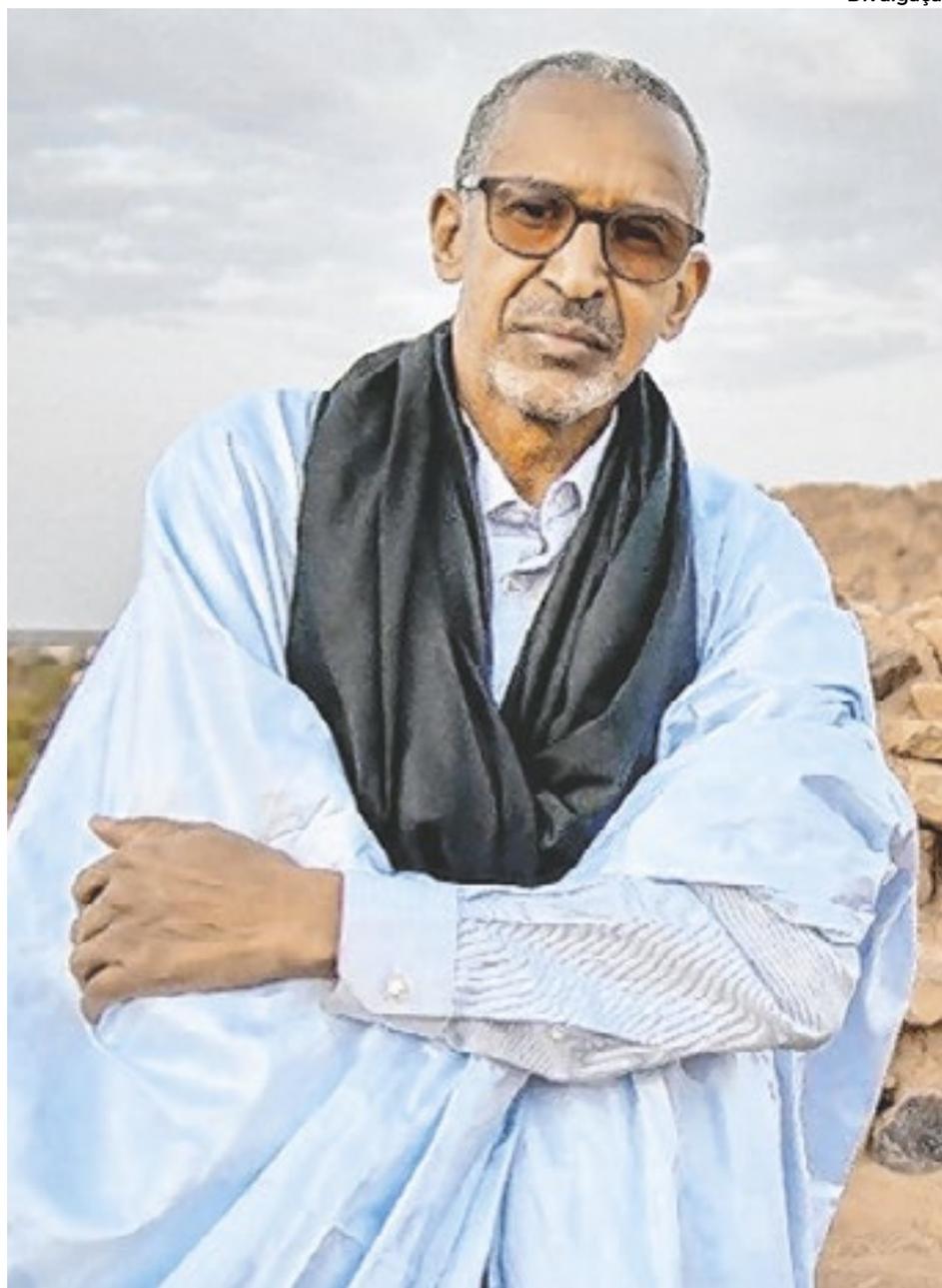
Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

**U**m devastador "Não!" dito por uma noiva no altar, antes de confirmar os votos nupciais, ecoa por cada tela onde "Black Tea – O Aroma do Amor" é exibido, reverberando como se fosse uma melodia de emancipação feminina. A palavra soa como um hino libertário que, mais adiante, há de embalar ainda um confronto decolonial, no enfrentamento do racismo, afinado com a batalha humanista que torna a obra do realizador mauritano Abderrahmane Sissako um precioso patrimônio audiovisual em sintonia com o pleito pela erradicação da intolerância.

Em São Paulo, neste terça-feira (17), às 20h, é possível conferir essa iguaria ultrarromântica no Cinesesc (localizado na Rua Augusta, 2075), na grade da Mostra de Cinemas Africanos. Sissako se encontra no Brasil a convite do evento. Indicado ao Oscar, em 2015, por "Timbuktu", ele veio para cá logo depois de ter integrado o júri do Festival de Veneza - que contemplou "Ainda Estou Aqui", do carioca Walter Salles, com o prêmio de Melhor Roteiro. Nesta quinta, o realizador de 62 anos faz as malas e parte para a Bahia, onde começa a segunda parte da mostra que o trouxe. Seu filme, indicado ao Urso de Ouro da Berlinale, será exibido em Salvador, no Cineteatro 2, com a presença do diretor.

Originalmente chamado de "La Colline Parfumeé", a love story egressa da Mauritânia estreia comercialmente no Brasil no dia 28 de novembro. Em "Black Tea", Sissako fala de diferentes amores (amor carnal; amor paterno; amor pela pátria) em meio à opressão da xenofobia. A trama começa



Divulgação

na Costa do Marfim, no momento em que a jovem Aya (vivida brilhantemente por Nina Mélo) desiste de seu casamento, e se muda para Guangzhou, na China, em busca de reinvenção pessoal. Uma loja de chá vai funcionar como seu microcosmos. Po-

rém, o contexto cultural de opressão racial será seu maior adversário.

Na entrevista a seguir, realizada em Berlim, Sissako explica ao Correio da Manhã que ranços colonialistas assombram o mundo que ele filma.

**De que Áfricas o senhor fala em um filme como "Black Tea – O Aroma do Amor"?**

**Abderrahmane Sissako:** É um olhar sobre as mulheres. Trago a perspectiva das mulheres que buscam a liberdade. Existem muitos clichês sobre a África, sobretudo o vitimismo. Meu empenho como artista é driblar esses lugares comuns.

**Num périplo até a China, passando ainda por Cabo Verde, que fantasmas coloniais o senhor encontra? Aliás, como exorcizá-los?**

A injustiça é a maior seqüela do colonialismo. A forma que nós, como um continente, podemos reagir é refutar o controle histórico e buscar entender que medidas geográficas podem ser redutoras se aplicadas a pessoas, sobretudo num território de onde as populações, historicamente, imigram.

**"Black Tea – O Aroma do Amor" também se perfuma de perplexidade, a julgar pela seqüência de num jantar em que o racismo é exposto de forma direta, num diálogo de ódio. Como foi a estruturada a abordagem da intolerância racial no roteiro?**

Busquei tratar do tema sob um foco geracional. Há um jovem chinês que refuta o racismo dos mais velhos. Era delicado operar a questão do racismo numa trama com chineses, para não associar a intolerância histórica a eles, como um povo. Mas é fato: os africanos foram rejeitados durante toda a História, por vários outros povos. A tal seqüência do jantar de que fala é uma explosão que nos mostra a reação juvenil à intolerância. O futuro pode ser melhor. Eu acredito no ser humano.

**Berlim se deslumbrou com a exuberância de seus enquadramentos dos campos de plantação de chá. Como sua fotografia foi estruturada?**

Eu queria trabalhar com um fotógrafo que viesse da Ásia, mas acabei encontrando um francês que morou dez anos na China e fala mandarim: Aymeric Pilski. Convidei-o para o filme não por sua intimidade com o idioma chinês, mas pela força visual de seu trabalho. O cuidado principal que tenho no meu cinema é alimentar a imaginação da plateia. A partir dela, tento investir numa construção de empatia.

## CORREIO CULTURAL

Divulgação



Tito integrou o Jacksons 5 e teve carreira solo

## Morre Tito Jackson, irmão de Michael, aos 70

O cantor e compositor Tito Jackson, irmão de Michael Jackson, morreu neste domingo (15), aos 70 anos, segundo comunicado divulgado pela família. A causa não foi informada.

Tito fez parte do Jackson 5 ao lado dos irmãos e também teve carreira solo. Jackie, Tito e o irmão mais jovem Jermaine foram os primeiros in-

tegrantes do grupo. Michael e Marlon entraram mais tarde. Eles ficaram conhecidos como The Jackson 5 em 1965. Os cinco irmãos cantores foram treinados para trabalhar sobre o palco por seu pai, Joseph Jackson, que impunha uma disciplina férrea. Eles fizeram seu aprendizado em shows de talento locais e festas infantis.

### Potência da libido

A filósofa Viviane Mosé volta ao Manouche nesta terça-feira (17) para debater a libido como potência libertária de vida em "Erotismo e Transgressão - Quando a Vida Transborda", tendo como inspiração a obra do filósofo George Bataille.

### Lançamento

O cantor e compositor Ronaldo Gonçalves lança o álbum visual "Pé d'água" no Teatro Rival Petrobras nesta terça (17). O repertório traz canções autorais compostas com grandes amigos e parceiros como Paulo César Pinheiro e Moyseis Marques.

### Tributo

Banda cover que reproduz o trio dos irmãos Gibb, a Bee Gees Alive se apresenta no Teatro Riachuelo nesta terça e quarta (17 e 18). No repertório, "Massachusetts", "Stayin' Alive", "More Than a Woman", "Night Fever" e outros clássicos da banda.

### Visibilidade

Alane Dias fechou seu primeiro trabalho com a Globo após não ter seu contrato renovado após o fim do BBB 24: será uma das influenciadoras do Prêmio Multishow com a missão de ajudar a premiação a ter visibilidade através das redes sociais.



Hiroiyuki Sanada, protagonista de 'Xógum: A Gloriosa Saga do Japão', foi escolhido o melhor ator de série dramática. A série venceu em outras categorias importantes

# Samurais premiados

## Cerimônia do Emmy Awards, o Oscar da TV, consagra 'Xógum: A Gloriosa Saga do Japão'

Por Pedro Strazza (Folhapress)

**"H**acks" foi a grande surpresa do Emmy

Awards deste ano. A série com Jean Smart e exibida pelo Max venceu o prêmio de melhor série de comédia neste domingo (15), batendo o favorito "O Urso" na categoria. A premiação, principal dedicada à indústria da televisão nos Estados Unidos, ainda consagrou "Xógum", do Disney+, como o melhor seriado dramático de 2024 e "Bebê Rena", da Netflix, como a melhor minissérie.

A revelação de "Hacks" campeã pegou o público de surpresa também porque "O Urso" já vinha vencendo outras categorias do setor na noite. A série de Christopher Storer já abriu a cerimônia levando os prêmios de melhor ator e atriz coadju-

vante - para Ebon Moss-Bachrach e Liza Cólón-Zayas - e de melhor ator de comédia, para Jeremy Allen White.

"Hacks", por sua vez, recebeu o Emmy de melhor atriz em série de comédia, para Jean Smart, e o de melhor roteiro do gênero, em dois momentos que já havia surpreendido o público. Smart superou o favoritismo de Ayo Edebiri, atriz de "O Urso" que buscava a segunda estatueta da carreira - ela venceu o prêmio de atriz coadjuvante no começo do ano, pela primeira temporada.

No mais, o Emmy correu como o esperado. Líder de indicações com 25 nomeações, "Xógum" coroou a sequência de vitórias na premiação com as estatuetas de melhor série, melhor ator - para Hiroiyuki Sanada - e melhor atriz - para Anna Sawai - entre os dramas.

Entre as minisséries, a noite foi

de "Bebê Rena", que também fatiou a principal categoria do gênero e a estatueta de melhor ator, as duas para o criador Richard Gadd. A categoria de atriz na área ficou com Jodie Foster, por seu trabalho em "True Detective: Terra Noturna".

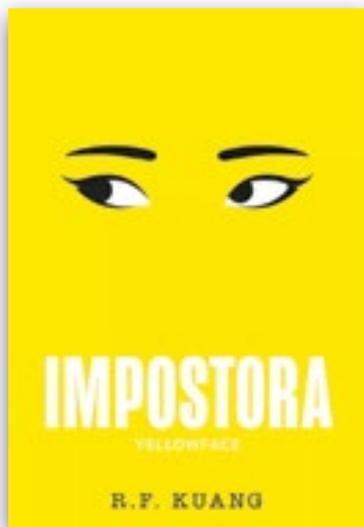
A noite seguiu no ritmo prometido, o que deixou a cerimônia um tanto cansativa. A sensação de rolo compressor de vitórias diminuiu em relação à última edição, quando programas como "Succession" e "O Urso" dominaram a noite, mas ainda se mostrou presente em várias categorias. Várias promessas vingaram, incluindo a consagração de Elizabeth Debicki por seu trabalho como a princesa Diana em "The Crown".

O Emmy teve sua cota de reviravoltas, mas a maioria parecia também coerente com o tom da noite. Billy Crudup levou outra estatueta por "The Morning Show" e Steve Zaillian foi celebrado pela direção da minissérie "Ripley". De inesperado mesmo só Jean Smart e Lorraine Morris, que superou o favorito Robert Downey Jr. em melhor ator coadjuvante de minissérie por seu trabalho pontual na temporada mais recente da antologia "Fargo".

Já a cerimônia aconteceu em um ritmo morno, que reciclou mal a aposta na nostalgia da última edição. Os discursos não disseram a que vieram, com quase nenhum momento de fúria no palco.

Em 'A Impostora: Yellowface', uma ficção com doses de realidade, os personagens estão presos a seus arquétipos

# Um mergulho nos paradoxos da representatividade



Por Isabela Yu (Folhapress)

**A**o apontar uma lupa no universo das editoras em "Impostora: Yellowface", a autora sino-americana R.F. Kuang discute o espaço das escritoras racializadas na literatura. No centro da narrativa está o caso de plágio feito pela protagonista branca June Hayward do manuscrito da amiga morta Athena Liu, americana filha de pais chineses.

"O Último Front", a obra ficção plagiada, fala da participação dos soldados chineses recrutados pelo Exército britânico durante a Primeira Guerra Mundial. Com diversos ajustes, o livro se torna um best-seller e leva Hayward ao estrelato.

Sem pudores, ela modifica o texto para não causar desconforto nos leitores. "Acho que deixamos o livro melhor, mais acessível, mais simples. A nova versão é uma história universal que inspira empatia, uma história em que qualquer um consegue se enxergar."

Para chegar ao topo das lis-



Divulgação

**Ainda que R. F. Kuang não consiga abraçar a complexidade do racismo nas páginas de 'A Impostora: Yellowface', ela triunfa ao traduzir a insanidade do comportamento no ambiente digital**

tas dos mais vendidos, ela dança conforme a música do marketing: adota a alcunha Juniper Song -sobrenome comum entre famílias coreanas -, retira as referências em mandarim, edita a violência da guerra e formata a história para agradar ao paladar da branquitude.

Em mais de uma ocasião, ela precisa esclarecer que não tem descendência asiática, só um nome riponga escolhido pela mãe. Mas a fama vem acompanhada de acusações de apropriação cultural e fúria das redes sociais.

Os usuários a acusam de "yellowface", adaptação ao contexto das

peças amarelas - descendentes do leste asiático - do "blackface", prática racista em que pessoas brancas pintavam o rosto de tinta escura no teatro para interpretar negros.

Sem nenhuma conexão com a cultura chinesa, June é um peixe fora d'água na comunidade dos imigrantes nos Estados Unidos. Seu desprezo se expressa até no enjoo com o cheiro dos temperos e na constante demarcação do sotaque dessas pessoas.

A narradora arrogante agarra a farsa com unhas e dentes para não deixar de ser o centro das atenções. O imbróglio novelesco tem altos e

baixos, e a escritora é abraçada por influenciadores ligados aos valores da direita que rechaçam questões raciais. "Athena estava com a vida ganha. Pessoas diversas, é só isso que o público quer", ela diz.

Mas no thriller satírico de Kuang, ninguém está a salvo das garras do capitalismo. Por meio de flashbacks, a faceta detestável de Athena Liu também é evidenciada. As escritoras se aproximaram por gostarem do livro "A Idiota", de Elif Batuman, e dividirem ambições literárias - desejavam se tornar a próxima Donna Tartt ou Jennifer Egan.

No primeiro ano da faculdade em Yale, June foi estuprada por um colega de classe e, após desabafar sobre o ocorrido, depara com a

história publicada em um ensaio assinado por Athena na revista da universidade. O modus operandi segue ao longo da curta carreira da amiga, que se baseia no sofrimento de outras pessoas para compor seus livros.

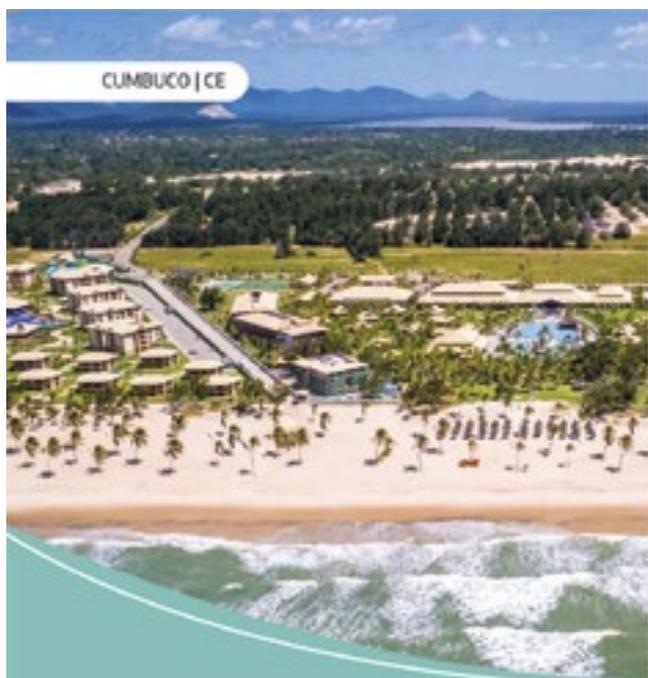
Por mais que escrevesse sobre traumas da imigração, Athena não buscava transformações coletivas e não se importava em ser a única pessoa asiática da editora, se o silêncio era o preço de continuar sendo aceita nos espaços dominados por pessoas brancas.

A narrativa de "Impostora: Yellowface" traz mais perguntas do que respostas ao explorar o paradoxo da representatividade. De que adianta certos autores terem projeção se os estereótipos continuam sendo perpetuados?

Além de discutir a ausência de diversidade no mercado literário, a trama aborda as formas como as estruturas oprimem os escritores. Não há espaço para sutilezas na escrita de Kuang, que mimetiza os sentimentos à flor da pele dos debates virtuais.

Nessa ficção com doses de realidade, os personagens estão presos a seus arquétipos. As escritoras são narcisistas e moralmente questionáveis, a crítica literária segue a cartilha do politicamente correto e os agentes e editores buscam apenas o lucro.

Dentro do ecossistema tóxico construído na obra, cada participante tem seu papel na manutenção do status quo. Ainda que a escritora não consiga abraçar a complexidade do racismo nas páginas do livro, ela triunfa ao traduzir a insanidade do comportamento no ambiente digital.



**PARA OS SEUS SONHOS, OS MELHORES**  
*destinos.*  
**PARA VOCÊ, A MAIOR REDE DE RESORTS DO BRASIL.**

Nos resorts all inclusive da Vila Galé a alegria dura o ano inteiro.  
Viva momentos inesquecíveis com muito conforto e diversão.

RESERVE JÁ!

